

AS ÁGUAS DO SÃO FRANCISCO: CULTURA E DISPUTA TERRITORIAL DO POVO KARIRI XOCÓ NA CIDADE DE PAULO AFONSO/BA.

Tainá Maria de Oliveira Santos(1); Dr. Luiz Eugênio Carvalho(2)
*Universidade Federal de Campina Grande, tainamariageografia@gmail.com (1); Universidade Federal de
Campina Grande, luizeugeniocarvalho@gmail.com (2);*

Resumo: A água é um dos elementos fundamentais para a sobrevivência de todos os seres vivos do ponto de vista material, mas também simbólico. De tal forma, é possível analisar a relação entre a cultura com o consumo e utilização da água de povos indígenas no Brasil de nossos dias. O estudo etnográfico pode claramente aproximar a visão sobre outros tipos de relação com a água. Ao retratarmos povos indígenas, ou outras comunidades tradicionais, é necessário diferenciarmos como os mesmos se relacionam com alguns elementos naturais, como a água, na manutenção de seus rituais fazendo referência a suas divindades. O principal objetivo deste trabalho é apresentar a situação de disputa territorial vivenciada pelos Índios Kariri Xocó na cidade de Paulo Afonso/BA, relacionando como tal afeta as práticas culturais às margens do Rio São Francisco. Assim, através de contato direto com os indígenas e reflexões teóricas existentes, Com o objetivo de identificar qual o significado da água para os índios, foi realizada a pesquisa em campo, no local em que hoje estão assentados os povos indígenas. Em entrevistas com alguns representantes da comunidade foram apresentados questionamentos que procurassem tornar registrados os principais rituais e significados que a água do Rio São Francisco (por ser o principal corpo hídrico do local) representava para o povo Kariri Xocó. Para isso, utilizamos de um estudo etnográfico por consideramos mais relevante par o desenvolvimento da nossa pesquisa. De tal forma, através do contato direto com os indígenas e com a utilização de algumas reflexões acerca da relação água e cultura este trabalho pretende trazer outra visão da importância deste elemento para o povo indígena do semiárido nordestino. O conflito territorial identificado vem sendo imposto por disputas judicializadas e acaba por interferir nas espacialidades da vida daquele povo, interferindo em suas práticas culturais na relação com seus lugares.

Palavras-chave: água; territorialidade; práticas culturais; Kariri Xocó; Paulo Afonso-BA.

Introdução

Independentemente das discussões que cercam o tema da água, uma afirmação que devemos sempre esclarecer é de que: a água é um bem natural, vital, insubstituível e comum. Nenhum ser vivo, humano ou não humano, pode viver sem este recurso. A água é utilizada para variados fins, seja ele industrial, doméstico, geração de energia ou para o consumo dos seres, a água é um elemento primordial. É vida.

Para Boff (2007) nenhuma questão hoje é mais importante do que a da água. Dela depende a sobrevivência de toda a cadeia da vida e, conseqüentemente, de nosso próprio futuro. Ela pode ser motivo de guerra como de solidariedade social e cooperação entre os povos.

A água é um dos elementos fundamentais para a sobrevivência de todos os seres vivos. Além do uso da água para fins na agricultura e pecuária “fazem-se também, menções da água como símbolo de poder espiritual e força, e diversos são os rituais nos quais ela é utilizada” (BRUNI, p.?? 1994).

De tal forma, ao relacionarmos com o consumo, a utilização da água para tipos de rituais, podemos fazer menção ao povo indígena, que para isto podemos nos utilizar de um estudo etnográfico para fazer enfatizar a cultura de tal povo. Ao retratarmos tais povos é necessário diferenciarmos como os mesmos se utilizam de alguns elementos para continuidade de seus rituais fazendo referência a suas divindades.

A água é cercada de elementos simbólicos e que se diferem dos valores atribuídos pelas sociedades urbano-industriais. Nas sociedades tradicionais, a água (rios, cachoeiras, etc) é um bem da natureza, muitas vezes dádiva da divindade, responsável pela sua abundância ou pela sua escassez. Proveniente da natureza, a água é um bem de uso, em geral coletivo. De tal forma, tais comunidades tradicionais são muito apegadas a seus territórios sagrados e não é apenas por motivos de proximidades aos rios ou apego a tal espaço.

“O território, ocupado durante gerações, não é definido somente pela extensão territorial e os recursos naturais nele existentes, mas também pelos símbolos que representam a ocupação de longa data, como os cemitérios, as roças antigas, os caminhos e também os mitos e lendas.” (DIEGUES, p.02, 2007).

Dessa maneira, o “território” se encontra diretamente relacionado a valores não necessariamente funcionais – a água para produzir – mas também a valores simbólicos – a água para celebrar. Assim, a geografia ao longo de sua história ultrapassou a noção de território vinculada às suas características naturais ou humanas como recursos econômicos, como visto nas ideias iniciais desta ciência nos escritos de Ratzel. Desta forma nos baseamos naquelas geografias que

“vêm nas dimensões da política e da cultura (de forma alguma contrapostas, senão que agregadas e concomitantes) questões cruciais para a compreensão da formação do espaço geográfico. Sua conceituação articula pares como dominação e apropriação, poder e identidade, função e símbolo” (CARNEIRO, ITABORAHY, GABRIEL, p.03, 2013)

O uso da água tem dimensões de conflito e político muito além do que se possa imaginar. Tais decisões afetam de forma muito injusta as comunidades tradicionais “a construção de barragens e sistemas de irrigação são um exemplo típico de atividade geradora de conflitos, beneficiando em geral a sociedade urbano-industrial” (DIEGUES, 2007). De tal forma, nas sociedades tradicionais, a água, incluindo rios e lagos, fazem parte de um modo de vida que especificamente representa uma identidade específica que se difere da sociedade moderna que tem a água apenas como um bem de consumo.

Apesar de tais condições globais impostas aos índios, a relação com a natureza sempre foi respeitosa e entender como estes, apesar das condições que a sociedade capitalista impõe alterando seus modos de vida, lutam pela persistência e valorização cultural de seu povo.

O principal objetivo deste trabalho é apresentar a situação de disputa territorial vivenciada pelos Índios Kariri Xocó na cidade de Paulo Afonso/BA, relacionando como tal afeta as práticas culturais às margens do Rio São Francisco

Metodologia

O estudo foi realizado na Aldeia Indígena Kariri Xocó, situada no município de Paulo Afonso (09°24'22''S/ 38°12'53''W) no Estado da Bahia (Fig. 01). A comunidade se encontra desapropriada de suas terras e está abrigada em uma escola abandonada ao lado da BR-204, principal rodovia que dá acesso à cidade de Paulo Afonso/BA.

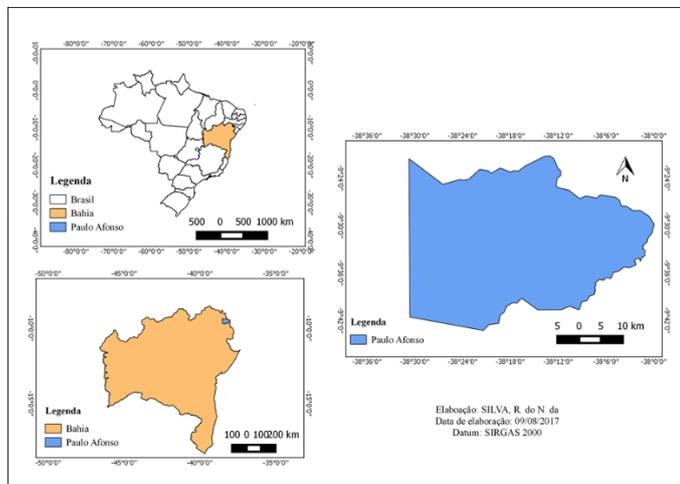


Fig. 01: Localização Geográfica do Município de Paulo Afonso/BA (Fonte: NASCIMENTO, 2017)

Primeiramente, a visita à Aldeia Kariri Xocó foi visada a partir de um Estudo de Campo realizado por algumas disciplinas do curso de Geografia da instituição de ensino UFCG. O principal objetivo deste estudo proposto era exatamente observar as condições vivenciadas pelos indígenas após a ordem da União de desapropriar as terras que estes estavam situados.

De tal forma, como proposta para realização do trabalho teríamos que relacionar o elemento da água com as práticas culturais existentes no local, assim, focamos na ideia da simbologia da água para o povo indígena presente no local. Como a comunidade no momento está em desapropriada de suas terras, foi realizada a pesquisa em campo, no local em que hoje estão assentados. Em entrevistas com alguns representantes da comunidade foram apresentados questionamentos que procurassem tornar registrados os principais rituais e significados que a água do Rio São Francisco (por ser o principal corpo hídrico do local) representava para o povo Kariri Xocó. Além das entrevistas foram feitas observações da comunidade em suas práticas cotidianas.

Foi necessário utilizamos uma abordagem etnográfica para aproximarmos mais do nosso objeto de estudo, que apesar de ser característico da Antropologia, foi o mais relevante para seu desenvolvimento, pois o que era preciso ressaltar era. Para CARNEIRO et. al(2013, p. 04) é de importância se utilizar de tal

“primeiramente por esta ciência abordar o território como um dos fatores de extrema relevância nas definições sociais e no modo como se dá o desenvolvimento de certos agrupamentos humanos” Desta forma, os autores consideram que estudar comunidades tradicionais exige-se “pensar politicamente a cultura”.

Pereira (2015, apud Crizzotti, 1995) acredita que a etnografia, inspirada na perspectiva do estudo da materialidade e da imaterialidade do objeto de estudo, procura investigar as atividades práticas e triviais dos atores sociais e compreender, dessa forma, o sentido que os atores atribuem aos fatos e acontecimentos da vida diária.

Resultados e discussões

Desapropriação e condições de vida

Diante tal processo de desapropriação das terras do povo Kariri Xocó, é importante enfatizar que após o acontecido, a relação ritualística com a água acabou afastando-os de seu espaço sagrado com a água. Após serem expulsos das suas terras, foram expostos à condições de vida totalmente desfavoráveis para se viver, em virtude, a dificuldade de acesso a água também é elevada.

A partir das informações obtidas, 170 indígenas foram desapropriados de suas terras, onde o poder público utilizou uma quantidade absurda de policiais federais (20 viaturas), máquinas para destruir apenas as casas de um povo, seus territórios sagrados, que durante um bom tempo eram status de paz e tranquilidade, que não imaginavam que seria um cenário de tragédia. Para se ter noção, aproximadamente 200 hectares que são considerados da União, apenas os dois hectares ocupados pela aldeia foram o alvo da destruição, deixando mais 67 famílias em meio aos escombros.

Por estarem ocupando uma escola, que até então estava abandonada, o povo Kariri Xocó não se sentem bem em tão pouco espaço. A condição oferecida para eles no início da ocupação não era nada agradável, pois, faltava todo o mínimo que permite ao ser humano uma condição de vida digna (água, luz, teto e amontoados em suas sacolas e malas).

Não podem pescar, caçar, tomar banho, ou qualquer atividade que os aproximem do rio ou de suas terras, são proibidos perante a lei de não se aproximarem de forma alguma do território na qual foram desapropriados. “Não pode passar do arame” é a fala que todos os entrevistados enfatizavam quando perguntávamos sobre o acesso aos seus “antigos lugares”

Subordinados a viver em um pequeno espaço o único desejo é querer voltar para seus territórios de origem, para isso, depositam confiança na justiça e tem fé de que sua vida cotidiana volte para seu lugar sagrado.

A água além do consumo

Tanto para o cultivo, lavar roupas, tomar banho, cozinhar ou outras atividades, a água para o povo Kariri é essencial. A exemplo, na escola onde estão ocupando, eles transformaram a mesma para que ela pudesse se adaptar no lugar dando continuidade a algumas práticas que os mesmos eram acostumados a vivenciar: cuidando de um pequeno espaço com o cultivo de alguns legumes e vegetais. O que tentamos observar não foi apenas tais condições impostas a estas pessoas, e sim, como estes se adaptaram após tal processo, o que desencadeou uma limitação ao acesso a água dos Cânions do Rio São Francisco.

Foi iniciada a entrevista com o cacique e outros índios presentes durante o nosso estudo, onde questionamos: Qual a principal importância da água para vocês? Em resposta foi afirmado:

A água não é apenas para o uso normal, usar a água para tomar banho, cozinhar ou plantar é uma coisa que todo mundo precisa. A água para o povo Kariri Xocó tem um significado muito maior, “nois” precisa

renovar nossas energias com nossos ancestrais, “nois” precisa dançar o Toré, “nois” precisa viver nossa vida assim como nosso antigo povo se alimentou da água “nois” também temos esse direito.

A água é viva, além das vidas que vemos e conhecemos, para o povo indígena tais vidas perpassam aos nossos olhos. Os donos ou espíritos da água viva são como mentores para alertar o povo contra os perigos dos rios, controlam os animais existentes e curam determinadas doenças. Nada é feito sem a permissão de tais mentores. Cuidam da água por saberem que se não tratarem do seu bem maior, eles serão castigados, assim estes castigos vem em forma de perdas de natureza ou até pessoal. A água viva que delas corre é como a chuva, o sangue divino, o sêmen do céu. É um símbolo da maternidade. A água da fonte é a água lustral, a própria substância de pureza (CHEVALIER; GHEERBRANT, 1988).

Para os antigos indígenas, a água da nascente do córrego representa pureza e renovação da vida. A água tem um valor espiritual e místico, no entanto, os indígenas mais novos desmistificam esses valores. Alguns acreditam que tomar banho na nascente do córrego rejuvenesce, outros atribuem a água a bênçãos.

Para Chevalier e Gheerbrant (1988) a água é como

Uma massa indiferenciada, representando a infinidade dos possíveis, contendo todo o virtual, todo o informal, o germe dos germes, todas as promessas de desenvolvimento, mas também todas as ameaças de reabsorção. Mergulhar nas águas, para delas sair sem se dissolver totalmente, salvo por uma morte simbólica, é retornar às origens, carregar-se de novo num imenso reservatório de energia e nele beber uma força nova: fase passageira de regressão e desintegração, condicionando uma fase progressiva de reintegração e regeneração.

Tendo em vista tal ideia, tudo que se volta para a água é sinônimo de uma forte religiosidade. Como para Dona Severina (69 anos) “A água é para tudo, quando alguém está doente, por exemplo, o ritual que envolve pedir aos encantados uma força para aquela pessoa melhorar e ficar mais forte é o que mais é feito por aqui” Eles não negam atendimento médico ou se isolam apenas para a agricultura, mas para eles esses costumes são inevitáveis para serem retirados de uma forma tão brusca.

Os sujeitos criam seus sentidos, seus símbolos e suas representações. Além de criar algo, acima de tudo vivenciam seus costumes. Como CLAVAL (2007) afirma “Cultura é um dado fundamental na compreensão dos lugares. Permite perceber laços que os indivíduos tecem entre si, sobre a maneira como instituem a sociedade, como organizam”.

Outra prática eu exige uma aprovação das divindades é o acesso aos ambientes e paisagens, para isto, temos o mentor de todos os índios onde ele é a figura “religiosa” que dissemina o saber cosmológico para todos na aldeia, este autoriza ou não o acesso a lugares que sem o consentimento do mesmo, podemos considerar uma invasão no território, ou seja, tudo é visto e aceitado a partir da relação espiritual do Pajé com o espaço. A exemplo está a visita aos Cânions, onde a autorização e o acompanhamento para chegar a ter o acesso as águas do Rio São Francisco só foi realizada por autorização do Pajé.

Considerações Finais

Pensar no povo indígena, é pensar em seus modos de vida, e que ao acontecer uma fatalidade como a desapropriação acaba afastando estes de seus costumes, impondo aos mesmos uma aproximação do modo de vida urbano imposto pela cidade, gerando conflito com o Estado.

Tais conflitos territoriais que vem sendo impostas atrapalham suas práticas culturais, e distanciam o povo de seus lugares. Com isso, a principal luta e motivo de resistência dos índios Kariri Xocó é exatamente a conquista do seus territórios sagrados para que assim, possam cultivar seus rituais às margens do Rio São Francisco, como afirma o cacique Jailson “Por que a gente não pode ficar na terra que está na frente da nossa, só faz atravessar a rodovia? Porque a gente não quer qualquer área, queremos a habitada pelos nossos Encantados e que possibilite a nossa cultura, a vida das gerações futuras. Terra de índio é assim. Onde estávamos tem tudo isso, locais de ritual, medicina, plantação, tá perto da cachoeira sagrada, do rio. E é bom que saibam: não queremos o que é dos outros porque a terra sempre foi nossa”.

De tal forma, a disputa territorial vivenciada pelo povo Kariri Xocó é uma realidade lamentável, onde percebemos que o poder judicial ainda fica do lado de quem possui o poder local, já que este território possivelmente será destinado a fins imobiliários. A água é um elemento visado, e símbolo de disputa. A água no semiárido foi, e na atualidade ainda continua sendo símbolo de conflito. Está tão ligada à vida que deve ser entendida como uma vida! Uma vida que alimenta e que faz um povo existir, os índios para seus valores culturais e simbólicos, para os dependentes da transposição é como uma esperança. Para entender a riqueza da água, é preciso quebrar essa visão utilitarista, devemos ver a água como um recurso sim, mas também como razão que a mesma oferece para se viver, e existir uma qualidade de vida para todos os envolvidos.

REFERENCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- BOOF, Leonardo. **A questão da água no contexto da Globalização**. 2008. Disponível em <https://www.tratamentodeagua.com.br/artigo/a-questao-da-agua-no-contexto-da-globalizacao/> Acesso em Agosto de 2017,
- BRUNI. J. C. **Water and life**. Revista de Sociologia da USP, v. 5, 1994.
- CARNEIRO, ITABORAHY, GABRIEL. **Territorialidades e etnografia: Avanços metodológicos da análise geográfica de comunidades tradicionais**. UFG – Goiânia. v.7, abril/2013.
- CHEVALIER, J.; GHEERBRANT, A. **Dicionário de símbolos: mitos, sonhos, costumes, gestos, formas, figuras, cores, números**. Rio de Janeiro: José Olympio, 1988.
- CLAVAL, Paul. **Geografia Cultural**. 3. Ed. Florianópolis: EdUFSC, 2007.
- DIEGUES, Antonio Carlos. **Água e Cultura nas populações Tradicionais Brasileiras**. I Encontro Internacional: Governança da Água, São Paulo, nov. 2007.
- PEREIRA, Rogério Amaral. **Espaço Sagrado: a relação da etnografia e da dialética no estudo geográfico**. OKARA: Geografia em Debate, UFPB, v.9, 2015.